

**REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO ESTIGMA NA PRODUÇÃO TEXTUAL NA
PENITENCIÁRIA ESTADUAL DO RIO GRANDE**

*SYMBOLIC REPRESENTATIONS OF THE STIGMA IN TEXTUAL PRODUCTION IN RIO
GRANDE STATE PENITENTIARY*

Claudia Carneiro Peixoto¹

Luciana Paiva Coronel²

Como falar de meus sentimentos
É claro que vou jogá-los ao vento.
Quando cheguei estava muito assustado
Mas é claro era a primeira vez que via o
Presídio deste lado.
A recepção é turbulenta e agressiva
E não adianta ficar na defensiva
Cheguei na cela e comecei a observar
Que todos não paravam de falar
Muitas histórias verdadeiras ou não, não sei
Tive que colocar na minha cabeça que já cheguei.
Neste lugar próprio para confusão
Eu pensava como acalmar meu coração
Achamos às vezes que o mundo nos virou as costas
Mas para tudo sempre tem uma resposta.
Foi então que nos deram uma oportunidade de desabafar
Hoje a leitura e a literatura são minha forma de lutar.
No início do outro lado das grades eu via desconfiança
Hoje eu vejo esperança.
Também via escuridão
Hoje vejo a educação.
Pois se ainda não falaram para vocês aí do outro lado
Hoje eu digo por todo esforço e confiança
Obrigado!
(P. R. M³).

Resumo

O presente trabalho, vinculado ao Projeto de Extensão de Remição pela Leitura “Ler é Liberdade”, desenvolvido com doze presos, em isolamento, nas celas do denominado

¹ Doutoranda em História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: carneiropeixoto@yahoo.com.br

² Professora da Universidade Federal do Rio Grande. Doutora em Literatura Brasileira (USP). E-mail: lu.paiva.coronel@gmail.com

³ Todas as referências à produção textual (narrativas e imagens) dos educandos serão identificadas somente por letras maiúsculas. Fizemos a correção de eventuais erros de grafia e concordância verbal.

**Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso
Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América
Latina), V. 07, N. 1, 2021.**

“seguro”, destinado, via de regra, a presos condenados por crimes contra a liberdade sexual, que sofrem ameaças de morte, membros de facções, e LGBTs, na Penitenciária Estadual do Rio Grande, objetiva, a partir da abordagem metodológica baseada na pedagogia de Paulo Freire, analisar a percepção do estigma provocado pelo sistema prisional. No primeiro encontro com os educandos do projeto, foi proposta uma atividade em cartolina, denominada “Meu mundo, minha palavra”, em que os educandos interagem espontaneamente. As seguintes palavras foram aportadas: preconceito; respeito; atitude; compreensão; companheirismo; escutar; deserto; lembranças; carinho; solidariedade; cidadania; aprender mais; taxado; injustiça e impunidade. O léxico apresentado pelos educandos direcionou as reflexões nos encontros posteriores, seguidos pela leitura do livro O pequeno Príncipe. Destacamos a palavra “taxado”, conquanto tenha se sobressaído nas reflexões dos educandos além de estar presente em uma das imagens produzidas, na representação dos obstáculos enfrentados pelo egresso a fim de se inserir no mercado de trabalho. Em correspondência com a apreensão de estigma exposta por Goffman, os educandos percebem termo “taxado” no cotidiano prisional como um julgamento depreciativo que os define, inclusive para além da prisão e, em face do qual, um sentimento de impotência, injustiça, revolta e resignação se instala. Entendemos que a representação de sentimentos permite a apropriação da realidade e oportuniza uma pequena libertação simbólica do peso da experiência carcerária.

Palavras-chave: representações simbólicas; estigma; produção textual.

Abstract

The present work intends to analyze the perception of the stigma provoked by the prison system, using a methodological approach based on Paulo Freire's pedagogy. This effort is linked to the university extension project for the remission by reading, “Reading is freedom”, developed with twelve inmates, in isolation, in the cells of the denominated “seguro”, aimed, as a general rule, to prisoners convicted of a crime against sexual freedom (which suffers death threat), faction members, and LGBTs, in the state penitentiary of Rio Grande. In the first meeting with the participants of the project, an activity in cardboard denominated “My world, my word”, in which the learners interact spontaneously, was proposed. The following words was employed by the involved: prejudice, respect, attitude, comprehension, fellowship, listening, desert, memories, affection, solidarity, citizenship, learn more, labelled, injustice, impunity. The lexicon presented by the participants led the reflections in the subsequent meetings, followed by the reading of the book “The little prince”. We highlight the word “labelled”, once it stands out in the reflection of the learners, besides being present in one of the images produced by them, representing the obstacles faced by the egress, in order to insert themselves in the labor Market. In correspondence with the apprehension of the stigma exposed by Goffman, the learners perceive the term “labelled” in prison routine as a derogatory judgment, which defines themselves, including in their life out of prison, and, in face of what, a feeling of impotence, injustice, uprising and resignation, settles down. We understand that the representation of these feelings allows the appropriation of the reality and enables a small symbolic liberation of the prison experience's weight.

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

Keywords: *symbolic representations, stigma, textual production.*

Introdução

Voa bem-te-vi que nunca te vi (M. S. G)

A remição da pena é um dos direitos da pessoa em situação de prisão e possibilita a diminuição do tempo de cumprimento da pena por meio do trabalho, estudo e leitura. Neste último caso, em que pese não estar expressamente prevista na Lei de Execução Penal, a remição pela leitura tem sido aplicada por intermédio da Recomendação de número 44, de 2013, do Conselho Nacional de Justiça, que dispõe sobre as atividades educacionais complementares para a finalidade de remição da pena. Desse modo, a leitura de uma obra literária, clássica, científica ou filosófica e a elaboração da sua resenha, de acordo com as exigências formais e materiais, como a observância aos padrões de estética do texto, domínio do conteúdo, a limitação ao tema proposto e a fidedignidade, autorizam o juízo da execução penal a declarar a remição de quatro dias de pena, após ouvido o Ministério Público e a defesa, com um limite anual de doze obras resenhadas, e a possibilidade de remir quarenta e oito dias por ano.

No presente estudo, relatamos a experiência no projeto de extensão de remição pela leitura denominado “Ler é liberdade”, desenvolvido ao longo do segundo semestre do ano de 2019, por meio de uma parceria entre o Instituto de Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Penitenciária Estadual de Rio Grande (PERG), com a participação de duas docentes, uma aluna doutoranda do programa de Pós-Graduação em História da Literatura e servidoras técnicas da PERG. Adequado às determinações da Resolução n. 44, do CNJ e da Vara Regional de Execuções Criminais de Pelotas/RS, o projeto oportunizou o acesso inicial a vinte vagas, divididas entre homens e mulheres que cumprem pena no regime fechado ou estejam em prisão cautelar.

A Penitenciária Estadual de Rio Grande é um presídio masculino adaptado para receber mulheres. Sua capacidade de engenharia é de quatrocentos e quarenta e oito presos,

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

entretanto, mantém mais que o dobro de população carcerária⁴. Restringimo-nos a abordar a experiência pedagógica com a turma de remição pela leitura constituída por doze detentos oriundos das celas de isolamento do seguro, espaço destinado a presos, via de regra, segregados por crimes contra a liberdade sexual, que sofrem ameaças de morte, população LGBT e membros de facções.

O cronograma do projeto de remição cumpriu a previsão de dez encontros, nos quais ocorreram as oficinas de leitura e de produção textual, abrangida a elaboração de narrativas orais, de escritas e imagens. Para a admissão ao projeto de remição, os detentos preencheram alguns requisitos como ser a participação voluntária, não estarem envolvidos em nenhuma atividade laboral e terem sido alfabetizados. Cada participante recebeu material didático composto por um caderno, folhas de cartolinas distribuídas nas oficinas, caneta, lápis, giz de cera e as obras literárias destinadas à leitura.

Foram escolhidas as seguintes obras para produção de resenhas: *O pequeno príncipe*, (2004), de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944); *Sentimentos que eu vivo*, obra de autoria coletiva; e *A revolução dos bichos*, de George Orwell (1903-1950). Muito distintos entre si, os livros impulsionaram debates diferenciados, tanto em virtude de suas temáticas específicas, quanto da linguagem empregada em cada um.

A obra inicial, *O pequeno príncipe*, com uma narrativa predominantemente metafórica e simbólica, mostrou-se pertinente ao desencadeamento de reflexões e produções textuais, sobretudo em desenhos com viés mais lúdico. Os poemas e as narrativas curtas da obra *Sentimentos que eu vivo*, escrita por prisioneiros da Penitenciária Estadual do Rio Grande, permitiram a aproximação mais imediata ao texto, e um atravessamento entre a ficção e a experiência do cárcere, de modo direto, com forte envolvimento e vínculos emocionais, transpostos para os debates orais e a produção textual. A forma alegórica d'*A revolução dos bichos*, por sua vez, motivou, novamente, o distanciamento estético e a capacidade de abstração, resultando em uma leitura e interseções temáticas pelos educandos sobre poder, injustiça social e violência.

⁴ Os dados e sua atualização sobre a população carcerária dos presídios do Estado do Rio Grande do Sul podem ser obtidos no sítio eletrônico da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE).

Além das obras destinadas à elaboração das resenhas, outros dois textos foram objeto de leitura e discussão nas oficinas: *A diaba e sua filha* (2011), de Marie Ndiaye (1967-), e o conto “Como Wang-Fô foi salvo”, parte da coletânea *Contos Orientais* (1983), de Marguerite Yourcenar (1903-1987). O texto de Ndiaye nos levou à reflexão sobre o medo de quem sofre a estigmatização e que também afeta aqueles que estigmatizam, e avançou para a questão da alteridade e nossas relações com o Outro.

A interação com o conto de Yourcenar orientou o debate sobre a potência da arte em acionar a faculdade da imaginação - no caso do conto, a pintura, e no caso do projeto de remição, a literatura – com a qual transpomos barreiras, saímos em visita por intermédio do pensamento alargado, possibilita nos colocar no lugar do Outro, e redimensionar nossa realidade.

O conjunto das obras literárias utilizadas nas oficinas mostrou-se uma “totalidade orgânica” (SARTE, 2015, p. 42), estabelecendo liames e costuras temáticas capazes de acionar diferentes campos do imaginário na produção discursiva dos educandos.

1 Metodologia e produção textual

Mais uma vez, os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema (FREIRE, 2018, p. 39).

No projeto de remição, ora em estudo, adotamos o método de Paulo Freire, aplicado em uma práxis orientada pela reflexão crítica (FREIRE, 2018, p. 52), em que o ensino e a aprendizagem rompem com o paradigma bancário, de transferência autoritária e vertical de conhecimento, para ousar a criação de possibilidade de construção do conhecimento (FREIRE, 1996, p. 25) pelos educandos, em um pensar dialético que não se pretende neutro pelas educadoras, mas que assume a natureza política da educação e o seu lugar enquanto instância de humanização e defesa dos direitos humanos (FREIRE, 2019, p. 34-35).

Frisamos que, como educadoras, partimos da compreensão da falência e falta de legitimidade do discurso jurídico-penal contemporâneo, baseado em narrativas punitivistas que incrementam o aparato de violência e investem no abarrotamento das prisões como

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

prioridade nas políticas de segurança pública, em face daqueles que se encontram expostos à maior precariedade em virtude de fatores como a miséria, a raça, o uso de drogas, a baixa escolaridade, dentre outras (ZAFFARONI, 2012), o que é corroborado pelo crescimento acelerado da população carcerária no Brasil, nas últimas duas décadas, e nos coloca, atualmente, em terceiro lugar no mundo em número de encarceramento, atrás dos EUA e da China (INFOPEN, 2017). O sistema prisional brasileiro é um depósito de pessoas que ingressaram na carreira criminosa, na sua grande maioria, por já terem sido excluídos dos direitos sociais, como o acesso a uma infância protegida, à educação de qualidade, moradia digna, qualificação profissional, e outros direitos fundamentais que assegurem o mínimo para uma existência digna.

Nesse contexto, o encarceramento em massa recai sobre uma maioria jovem, negra e pobre (INFOPEN, 2017) e promove uma exclusão seletiva, com a criminalização da pobreza e a imposição de sofrimento advindo das péssimas condições dos presídios que se constituem em uma permanente violação à dignidade humana dos prisioneiros. A narrativa punitivista, instigadora do ódio e do desejo de vingança, não se compromete com o aprofundamento do debate sobre a realidade social, a ressocialização e a inclusão ao convívio social daqueles que ingressaram no sistema prisional.

Com fulcro nesta perspectiva, avançamos na compreensão de que a literatura e, por conseguinte, a remição pela leitura, é um direito humano porque ínsito à humanização que nos distingue de outros animais. Nas palavras de Antonio Candido: “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2004, p.172). Uma educação que se almeja emancipadora não pode prescindir da cultura e, portanto, da arte literária no processo de humanização, alteridade e transformação do sujeito, pois é no acesso à cultura, na apreciação artística que podemos nos deslocar, sair em visitação no pensamento, colocando-nos no lugar do outro, como afirmava Proust (2002, t. III, p. 683 *apud* COMPAGNON, 2009, p. 21): “Somente pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, e cujas paisagens permaneceram tão ignoradas de nós como as por acaso existentes na Lua.”

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

A educação e a cultura são direitos fundamentais e devem ser assegurados a todos, sem nenhuma ressalva quanto ao *status libertatis*, conforme preceitua a Constituição Federal⁵. Nessa qualidade, situam-se como uma necessidade profunda no processo de humanização. A arte literária suscita a possibilidade de organizarmos nossa visão e compreensão do mundo. Com efeito, como estrutura dotada de sentido, a literatura:

propõe um modelo de coerência, [...] que, enquanto organização, exerce papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos quer não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos de mundo (CANDIDO, 2004 p.177).

Importa-nos, centralmente, na proposta de remição pela leitura, tomar a literatura conforme apresentada por Antonio Candido, como um tipo de ordem que sugere “um modelo de superação do caos” (CANDIDO, 2004, p.177), na mesma medida em que nos coloca diante de nós mesmos como um devir, seres em processo permanente de autoconhecimento e auto-questionamentos diante da realidade e do mundo nos quais estamos inseridos.

Diante disso, as proposições freirianas de educação popular foram a base para a pretensão de desencadear uma pedagogia emancipatória, em que os educandos assumem o protagonismo na construção do conhecimento, o que significa que não partimos do *a priori* em que o saber está contido na figura das educadoras para ser repassado unilateralmente. Esforçamo-nos, assim, por proporcionar, nas oficinas de leitura e produção textual, espaço para a expressão e reelaboração da realidade dos educandos pelos educandos, com a emergência de suas narrativas escritas, verbais e na forma de imagens, imbricadas aos temas geradores do mundo sobre os quais incidiram a sua problematização e reflexão crítica (FREIRE, 2018, p. 133).

Iniciamos a aplicação do método pedagógico de Paulo Freire pela investigação dos temas geradores que compõem o universo vocabular dos educandos e constituem um repertório de símbolos e representações da sua realidade. Assim, no primeiro encontro, dispusemos, no centro da sala de aula, duas cartolinas com os seguintes dizeres: “Meu mundo,

5 Na Constituição Federal, encontramos diversos dispositivos que asseguram a educação e cultura como direito de todos. Art. 6; Art. 23, V; Art. 205; Art. 215, dentre outros.

minha palavra”. Após as apresentações, distribuição do material didático e do livro *O pequeno príncipe*, convidamos os educandos a escreverem nas cartolinas, dispostas no centro da sala, as palavras que fizessem parte de suas vidas, de seus anseios, suas expectativas, e do mundo no qual estavam inseridos.

Alguns educandos pediram a seus colegas que escrevessem, havendo um solidário compartilhamento no grupo da tarefa com a escrita nas cartolinas. Ao término da primeira oficina, as seguintes palavras foram escritas nas duas cartolinas: preconceito; respeito; atitude; compreensão; companheirismo; escutar; deserto; lembranças; carinho; solidariedade; cidadania; aprender mais; taxado; injustiça e impunidade. O léxico apresentado pelos educandos direcionou as reflexões nos encontros posteriores, seguidas pela leitura dos livros adotados no projeto de remição. Com tal estratégia visamos nos aproximar do universo vocabular dos educandos, de “sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, suas reivindicações, os seus sonhos” (FREIRE, 2003, p. 20).

No segundo encontro, iniciada a leitura da obra *O pequeno príncipe*, relembramos as palavras escritas nas cartolinas, agora escritas em pequenos blocos e convidamos os educandos para que as pegassem de volta, e delas se apropriassem novamente. Dentro desta perspectiva, desencadeamos as problematizações dos temas geradores e as reflexões na oficina de produção textual. Ao final, distribuímos novas cartolinas para serem utilizadas livremente em escritas ou desenhos, nas celas.

Cada educando pôde escolher a forma de expressão que estivesse mais ao seu alcance para traduzir os sentidos de suas leituras. Como muitos deles iniciaram as atividades nas oficinas com pouquíssima bagagem de leitura e com experiência precária de escrita, o desenho mostrou-se o meio mais eficiente de manifestação simbólica para as diversas releituras do mundo e, progressivamente, foi sendo substituído pela escrita.

No terceiro encontro, retomamos o debate dos temas geradores, ainda tendo por base a leitura de *O pequeno príncipe*, a produção e a apresentação das imagens e escritas, feitas pelos educandos. Identificamos esse momento de codificação e decodificação das narrativas escritas e das imagens dos temas geradores, como o início de uma demarcação de sentidos e a apropriação da leitura mediada pela realidade dos leitores, dentro de seus diversos espectros pessoais, com a confluência dos limites e motivações de cada um. No grupo de educandos,

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

havia os que coabitavam na mesma cela, outros podiam interagir no pátio, discutindo o texto e se auxiliando mutuamente na construção das leituras individuais, que acabaram sendo o produto de um compartilhamento muito mais amplo.

No quarto encontro, percebemos que a ocupação da sala de aula passou a ser feita de modo mais espontâneo, no manejo dos assentos, na disposição gestual e diálogo entre os colegas e as educadoras. O protagonismo de uma visão crítica do cárcere se apresentou na exposição das vivências, na forma oral e na produção de imagens e narrativas, o passou a ocorrer cada vez mais naturalmente, e num processo de continuada reelaboração e reescrita, articulando as leituras e a experiência vivida (FREIRE, 2003, p. 21).

Mais familiarizados conosco e com a prática da escrita, que se desencadeou, gradualmente, os encontros se tornaram momentos de compartilhamentos e interações dos educandos mediados pela realidade carcerária, o que reverberou em suas produções, com imagens e escritas evocando o ambiente das celas do seguro, das grades, dos pássaros voando ou saindo de gaiolas, diversas reflexões sobre a vida anterior à prisão, projetos para a vida após a prisão, lembranças dos familiares, dos amigos feitos na prisão.

Destacamos o protagonismo dos educandos do projeto de remição na produção dos saberes, não obstante tenhamos que lidar com as gigantescas limitações que o sistema prisional impõe às relações que não se pretendam hierarquizadas, o que se materializou não somente na produção de resenhas, mas das narrativas e imagens instauradoras e portadoras de uma visão crítica do mundo (FREIRE, 2018, p. 26).

A percepção de que a leitura do mundo se antecipa à da palavra e a ela se imbrica, como práxis transformadora, foi de fundamental importância a fim de que pudéssemos apreender o processo de contínua e ininterrupta releitura e reescrita do mundo (FREIRE, 2003, p. 11), nos encontros que realizamos na PERG. Processo que também nos alcança e nos transforma como educadoras, e é constitutivo da nossa compreensão das representações simbólicas do estigma na produção textual dos educandos.

Devemos ressaltar ainda as dificuldades que permeiam interações angustiadas, ou seja, interações que ocorrem entre pessoas estigmatizadas e outras que não estão na mesma condição de estigmatização. O discernimento teórico acerca de tais dificuldades nos

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

possibilitou identificar possíveis negociações⁶ tecidas na produção textual, e a sensibilidade para os estados emocionais dos educandos:

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que *ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma* (GOFFMAN, 2013, p. 23, grifos nossos).

Côncias dos desafios e obstáculos que enfrentaríamos no projeto de remição pela leitura, como, por exemplo, a existência de grades separando-nos dos educandos, conseguimos estabelecer uma prática pedagógica de trocas e mútuo aprendizado. No entanto, somente no último encontro, tivemos a oportunidade de uma confraternização sem a presença das grades físicas, muito embora, como apontado pelos participantes do projeto, as grades estão sempre presentes, visíveis ou invisíveis, na prisão.

2 Representações simbólicas do estigma

Os delinquentes esperando pela liberdade
O desespero naquele quadrado
5X4 = 20 metros quadrados
Aqui é cadeia
Entra e sai outros
Parece ser normal para quem está do lado de fora
Lá, naquele quadrado, é bem difícil sobreviver
Viver escondido, isolado
Naquele quadrado sentimos
Como bichos
Será que não somos capazes de viver em sociedade?
Falta de trabalho
Falta de dinheiro
Será que somos drogados?
Será o que somos?
O que será que faltou?
Faltou disciplina, caráter?
Ou vem da genética de cada um deles?
Será que somos loucos?
Por que tem que ser assim?

⁶ Destacamos, nesse sentido, narrativas em que, por exemplo, o educando apresenta o sofrimento como uma fonte de ensinamento e, em alguns casos, até como um evento positivo que lhe possibilitou conhecer a atual companheira, dentro da perspectiva abordada por Goffman: “O estigmatizado pode, também, ver as privações que sofreu como uma benção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas” (2013, p. 20).

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

Será que somos felizes?
Sim
Não
Será que podemos mudar?
Será que vamos viver errando até quando?
Até ficarmos bem velhinhos?
Por que somos pobres?
Por que tantos problemas?
Até as flores dependem da sorte
Umam enfeitam a vida
Outras enfeitam a morte.
(M. S. G.)

O projeto de remição da pena pela leitura teve a inscrição inicial de onze homens e uma mulher transexual, dos quais quatro eram brancos e oito negros. Apenas quatro dos participantes possuíam o ensino médio completo e os demais possuíam o ensino fundamental incompleto. As profissões declaradas foram todas de natureza braçal: serviços gerais, pescador, pedreiro, confeitoiro, padeiro, pescador, pintor industrial, soldador e açougueiro. Três educandos declararam possuir mais de uma profissão e um apontou não possuir nenhuma. Tais informações nos ofereceram alguns dos elementos socioeconômicos que, juntamente com os temas gerador, constituem a realidade dos educandos.

Do léxico de temas geradores - preconceito; respeito; atitude; compreensão; companheirismo; escutar; deserto; lembranças; carinho; solidariedade; cidadania; aprender mais; taxado; injustiça e impunidade - destacamos a palavra “taxado” para análise, por entendermos haver nela o enraizamento da experiência do estigma derivado do encarceramento, que perpassa a produção textual dos educandos ao longo do semestre.

Utilizamos a concepção de estigma no sentido de atributo depreciativo que se estabelece numa relação em que, de um lado, estão aqueles que assumem uma condição de normalidade e, do outro, os sujeitos estigmatizados (GOFFMAN, 2013, p. 13). O termo “taxado”, apresentado no primeiro encontro com os educandos, consegue abranger a percepção da depreciação que se vincula a valores morais aceitos e violados pelo sujeito que sofre o estigma, e que conduz a sentimentos conflitantes, como o de impotência, injustiça, revolta e resignação diante da impossibilidade de modificar uma “marca para sempre” (R. C. M.) que presidiários e ex-presidiários vivenciam.

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

Nossa ênfase para a palavra geradora “taxado” advém, assim, da compreensão de que a sua presença perpassa a experiência do encarceramento e se manifesta com mais intensidade ainda para aqueles que se encontram nas celas do seguro, lugar destinado aos presos em virtude da natureza de suas condenações ou acusações em trâmite processual, o que provoca o isolamento no sistema prisional e um maior afastamento familiar e dos amigos, com a destituição de vínculos sociais e afetivos: “No seguro, são poucos os que têm o apoio da família” (R. C. M.). A segregação entre os outros presos do sistema prisional alija o preso do seguro de contato comum com os presos das galerias e o coloca numa situação de aprofundamento da exclusão na prisão, o que reflete uma distinta economia de poder que atua na exclusão de determinadas pessoas e na inclusão de outras (FOUCAULT, 2015, p. 9).

Nesse sentido, se o sistema prisional é uma das estratégias punitivas do Estado diante da transgressão das normas estabelecidas, as celas isoladas do seguro são, por sua vez, uma representação de um regime de poder baseado em uma gramática moral também oriunda a lógica de transgressão de normas estabelecidas pelos prisioneiros. Assim, não é o Estado que impõe que a prática de crimes contra a liberdade sexual ou a orientação de gênero implique no cumprimento da pena ou da prisão cautelar em uma cela de isolamento, o seguro. Caso a pessoa não seja isolada no seguro fica sujeita a uma série de consequências, como humilhações, lesões corporais, estupros e até a morte. Basta acentuar que todos deslocamentos para a sala de aula, no âmbito do projeto de remição, contaram com um aparato de segurança dos agentes prisionais para garantir a incolumidade física dos presos.

Em nenhum dos encontros foi explicitada de forma verbal e direta a questão da cela do seguro e os seus significados para os educandos. No entanto, as imagens e narrativas nos propiciaram o contato com a realidade da cela especial do seguro, do isolamento e do estigma entranhado em sua vivência. Dos doze educandos, seis produziram desenhos com alusões às suas celas, com a presença de grades, algemas sendo rompidas, a representação do espaço dividido com outros presos e do presídio. Um desenho apenas representou a cela especial do seguro. A imagem de pássaros alçando voo e saindo de gaiolas foi recorrente, bem como a de corações partidos, com asas ou feridos. Em uma das narrativas, um dos educandos assinala: “(...) é assim que eu vejo a vida de nós todos aqui: esperando a porta se abrir” (C.D.).

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

A obra *Sentimentos que eu vivo* estimulou diversas narrativas de si, dando ensejo a processos de ressignificação existencial do sujeito em que o sofrimento e o abandono atravessam a vivência do cárcere: “Só quem está atrás das grades sabe a dor que é tentar, querer chorar e não poder. Guardar para si as lágrimas, simplesmente pela situação de estarmos presos e as piadas: olha aí o bandido chorando, depois diz que é sujeito homem” (A.G.V). Em uma das narrativas sobre *O pequeno príncipe*, o sofrimento da prisão se apresenta amenizado pela arte literária: “O príncipe e suas rosas milagrosas que vieram para diminuir minha pena” (M. S. G.).

A cela, buraco ou quadrado é o espaço atribuído ao preso, sem direito a privacidade, compartilhado com os outros detentos. Em algumas imagens, a cela se associa ao lar, assimilada à rotina carcerária, ditada pelos horários rigorosos, pelas chamadas. Porém, na maior parte da produção textual, a cela é o lugar do confinamento e do sofrer: “No cárcere tudo é quadrado, do piso até o teto” (A. G. V.).

Podemos salientar que a arquitetura prisional é projetada para o inabitável, como bem observa Agamben, em conferência realizada na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, a arquitetura dos campos funda-se na impossibilidade de habitar e quebra o nexo entre construção e habitação (AGAMBEN, 2019, p. 5-7), a exemplo dos presídios planejados não somente para custodiar os presos, mas também para ser um lugar de caráter talional, de retribuição da dor pela privação da liberdade e imposição de sofrimento cada vez mais alimentada pelo discurso punitivista, o que se infere de instalações penitenciárias precarizadas e superlotadas, caracterizadas pelo padecimento constante. Nas palavras de um dos educandos: “Somos presos que sentimos a dor de tudo dentro desse lugar” (R. C. M.).

Nas produções textuais, podemos apreender o que é ser “taxado” tanto na instância da vida carcerária como em liberdade, o que determina o papel do qual o sujeito não pode mais se desvencilhar: ou de presidiário ou de ex-presidiário. E a introjeção do efeito do descrédito que os representa nas duas categorizações como pessoas estragadas e diminuídas para o convívio social (GOFFMAN, 2013, p. 12). Em uma das narrativas, mesclada de desenhos representativos da obra *O pequeno príncipe*, colhemos a seguinte afirmação: “Taxado é uma pessoa que não está apta a viver em sociedade” (R.C.M).

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

Em uma produção textual, a palavra “taxado” está escrita logo acima do desenho que representa o prédio de um banco. Podemos concluir que uma pessoa anuncia “vaga de emprego”. Ao lado, duas pessoas que saem da cadeia e caminham em direção ao banco podem avistar a vaga de emprego, mas se depararão com a mensagem “não”, ao lado da vaga de emprego.

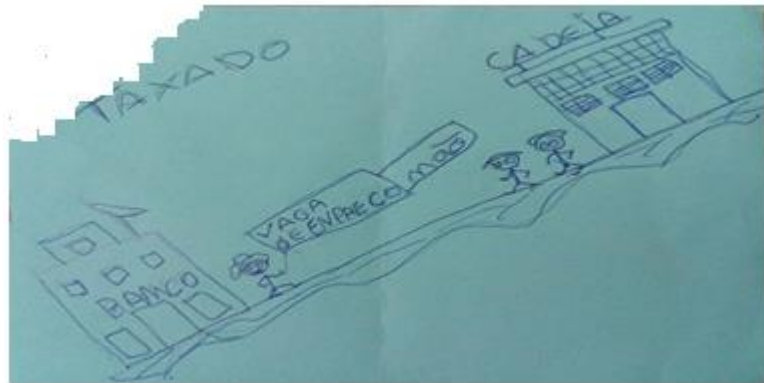


Figura 1 - Imagem com a representação do estigma "taxado" em cartolina (C. D.)

Percebemos que a leitura do estigma se inseriu na produção textual, no contradiscurso, como elaboração crítica das dificuldades enfrentadas pelo egresso do sistema prisional e nos permitiu a abertura para as questões inseridas na estigmatização produzida pelo sistema prisional no sujeito: o fracasso da reinserção e ressocialização que sustentam o discurso punitivista, a ameaça da reincidência diante da impossibilidade de dissipar o estigma. Vale sublinhar que uma pesquisa encomendada ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) pelo Conselho Nacional de Justiça, em 2015, indicou que um em cada quatro condenados reincide no crime, dado revelador do retorno ao sistema prisional.

Em outra imagem, acompanhada de pequenas narrativas, o mesmo autor, produz uma reflexão que incide sobre as suas profissões de padeiro, pescador e ceboleiro, exercidas antes de seu ingresso no sistema prisional:

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

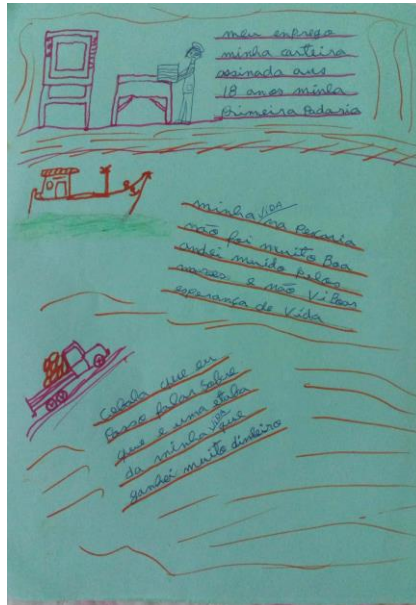


Figura 2 - Imagem em cartolina com a representação das profissões exercidas antes de ingressar no sistema prisional (C. D.)

Os dois textos refletem a leitura crítica do educando, na acepção de Freire (2018, p. 53), pois neles podemos captar o reconhecimento da realidade do sujeito quanto ao estigma que se agrega à identidade de presidiários e de ex-presidiários, e vai além do caráter solipsista ou subjetivista, pois contempla a realidade objetiva que afeta as pessoas que passam pelo sistema prisional.

Desse modo, a elaboração do estigma, na primeira imagem, inicia-se com o uso da palavra “taxado”, escrita em letras maiúsculas e conjuga-se com a estória das personagens que representam dois egressos do sistema prisional para os quais o estigma impedirá o acesso ao emprego no banco.

Na segunda imagem, sobressai a narrativa de si, com a representação do passado do sujeito, e encarna o sentimento de saudade, com a evocação da juventude na primeira carteira de trabalho aos dezoito anos, como padeiro; a compreensão de que a vida de pescador não havia sido boa; e a representação da prosperidade como ceboleiro. Contrapostas as duas realidades, como trabalhador e como presidiário, advém a compreensão e ressignificação da condição vivenciada.

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

Considerações finais

E mesmo onde só há grades, também há esperanças
(A. G. V.)

Na realização das oficinas de leitura, assumimos o entendimento de que o ato de ler o mundo precede a leitura da palavra, leitura em que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2003, p. 11), e desloca o processo de aprendizado para a realidade e a experiência material dos educandos, o que, no caso do projeto de remição, oportunizou a reflexão crítica da vivência do encarceramento reelaborada na forma de imagens e narrativas. Vale lembrar que, para Freire, quanto mais o sujeito é capaz de desvelar a sua realidade objetiva mais nela se insere criticamente (2018, p. 54).

Assim, diante da ausência de legitimidade do discurso jurídico penal, as narrativas e desenhos dos prisioneiros, com forte poeticidade, assumem também um caráter de contradiscursos, ou seja, de discursos contra o poder, portadores de um saber “da” prisão e do sistema de justiça e não um saber “sobre” a prisão (FOUCAULT, 2013, p. 134), saber que é atravessado pela experiência material, por situações concretas e objetivas impostas às existências e que as refletem, inscrevendo o “ser” no “estar” no cárcere (FREIRE, 2018, p. 141). Nesse contexto, o contradiscurso - narrativa ou imagem – é um saber que trinca o saber-poder institucional “sobre” o sistema prisional, que o contesta, subverte, impugna e deslegitima. E, embora, não seja a sua função apontar soluções ou caminhos para a questão do encarceramento no Brasil, em sua existência material, a escritura do cárcere já é, em si mesma, em sua materialidade, o caminho (RESENDE, 2002, p.159), testemunho da violência do Estado e da impossibilidade de ressocialização advindas de um sistema prisional dirigido para a criminalização seletiva.

Em cada contradiscurso produzido nas celas ou nas salas das oficinas de produção textual, podemos encontrar a expressão da realidade dos educandos, manejada como questionamento, problematizada e defrontada com o sujeito que pensa a si mesmo e o seu mundo, no esforço de compreendê-los. Cada registro nos revela esse esforço de compreender a existência humana em um lugar construído para ser uma ruína e encerrar ruínas.

A percepção do estigma revelou-nos a atuação concreta das interdições que se agregam à personalidade do sujeito a partir da sua inserção na prisão e categorização como

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

presidiário e, na condição de egresso, de ex-presidiário. A apropriação de sentidos e sua representação simbólica, como a imagem dos indivíduos que, saindo da prisão, buscam emprego sabendo que as vagas “não” se destinam a eles, constituem a práxis transformadora porque é, em si mesma, ação que convoca à reflexão sobre a incapacidade de ressocialização do cárcere.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Habitar e Construir. **Cadernos de leituras**. Tradução de Vinícios N. Honesko. Revisão de Bernardo R. Bethonico. Belo Horizonte: Edições Chão de Fera. n. 96. p.1-8. Novembro. 2019. Disponível em < <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2019/11/caderno96-agamben.pdf> > Acesso em 10/02/2020.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm > Acesso em 07/01/2020.
- BRASIL. **Lei 7.210, de 11 de julho de 1984**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm>. Acesso em 24/11/2019.
- BRASIL. **Recomendação n. 44 de 2013**. Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-como-funciona-a-remicao-de-pena/>>. Acesso em 24/11/2019.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para que?** Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto machado. São Paulo: Graal, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A sociedade punitiva**: curso no Collège de France (1972-1973). Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora:** gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire e Erasto Fortes Mendonça. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 66 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.

Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

INFOPEN – LEVANTAMENTO NACIONAL DE INFORMAÇÕES PENITENCIÁRIAS.

Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento penitenciário nacional,

2017. Disponível em: < <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf> >. Acesso em 07/01/2020.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Reincidência Criminal no Brasil. Relatório de pesquisa.** Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: <

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/150611_relatorio_reincidencia_criminal.pdf >. Acesso em 20/01/2020.

NDIAYE, Marie. **A diaba e sua filha.** Ilustrações Nadja. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac-Naify, 2011.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos:** um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira; posfácio de Christopher Hitchens. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RESENDE, Beatriz. **Apontamentos de crítica cultural.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** 48 ed. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SARTE, Jean-Paul. **Que é Literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

SUSEPE. **Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul.**

Disponível em: < <http://www.susepe.rs.gov.br/capa.php> >. Acesso em 07/1/2020.

ZAFFARONI, Eugenio Raul. **Em busca das penas perdidas:** a perda da legitimidade do sistema penal. 5 ed. Tradução Vani Romano Pedrosa; Amir Lopez da Conceição. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.

YOURCENAR, Marguerite. **Contos orientais**. Tradução de Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Dossiê Prisões, Dano Social e Contextos Contemporâneos (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina), V. 07, N. 1, 2021.